

METÁFORAS DO AMOR EM CRÔNICAS DE VERÍSSIMO

METAPHORS OF LOVE IN CHRONICLES OF VERÍSSIMO

Cynthia Gomes Pinheiro³³

Janaina Aires da Silva³⁴

Lucienne Claudete Espíndola³⁵

RESUMO: Este trabalho apresenta uma descrição das metáforas conceptuais do amor, e suas respectivas expressões linguísticas, encontradas em oito crônicas presentes nos livros *Amor Veríssimo* e *Comédias da Vida Privada*, de Luis Fernando Veríssimo, que retratam exemplos de relacionamentos que vivenciamos no contexto da vida privada. Além disso, buscamos identificar quais são as inferências possíveis na compreensão das respectivas expressões linguísticas metafóricas a partir de modelos mentais (Van Dijk, (2012 [2008])). Conforme exposto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora conceptual é um recurso amplamente utilizado no cotidiano, inclusive em textos literários, com o objetivo de auxiliar na compreensão dos conceitos que não são claramente delineados em nossa experiência de forma direta, como é o caso do conceito de amor. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os seguintes trabalhos: a teoria da Metáfora Conceptual postulada por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003) e outros e a teoria dos Modelos Mentais de Van Dijk (2012 [2008]). Quanto à metodologia empregada, primeiramente identificamos as expressões linguísticas metafóricas nos textos e as metáforas subjacentes a essas expressões, e, em seguida, apresentamos uma discussão sobre como as expressões linguísticas metafóricas são compreendidas a partir dos modelos mentais. Com os resultados encontrados, confirmamos a hipótese de que as atualizações das metáforas conceptuais retratadas nas crônicas remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos dessas crônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceptual. Amor. Crônicas. Modelos Mentais.

ABSTRACT: This work presents a description of the conceptual metaphors of love, and their linguistic expressions, found in eight chronicles present in the books *Amor Veríssimo* e *Comédias da Vida Privada*, by Luis Fernando Veríssimo, which show examples of relationships we experience in the context of private life. In addition, we seek to identify what are the possible inferences in understanding the respective metaphorical linguistic expressions from mental models. As discussed by Lakoff and Johnson (2002 [1980]), the conceptual metaphor is a widely used resource in everyday life, including literary texts, in order to help understand the concepts that are not clearly delineated in our experience directly, such as the concept of love. Therefore, we used as theoretical reference the following works: the theory of Conceptual Metaphor postulated by Lakoff & Johnson (2002 [1980], 2003) and others and the theory of Mental Models of Van Dijk (2012 [2008]). As for methodology, firstly we identified the metaphorical linguistic expressions in the texts and the metaphors underlying such expressions, and, then, we present a discussion of how the metaphorical linguistic expressions are understood from the mental models. With the results, we confirm the hypothesis that the updates of the conceptual metaphors portrayed in the chronicles remit to mental models that lead to the understanding of the discursive aspects of these chronicles.

PALAVRAS-CHAVE: Conceptual Metaphor. Love. Chronicles. Mental Models.

1 Introdução

A metáfora não é mais um fenômeno puramente linguístico; ela faz parte da vida cotidiana e está presente em nossos pensamentos e ações, conforme exposto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Assim, os processos que constituem o pensamento são metafóricamente estruturados e definidos, mas esse fato não é algo de que temos plena consciência porque estamos quase sempre pensando e agindo automaticamente.

³³ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Linguística (PROLING/UFPB).
cynthiagopinheiro@gmail.com

³⁴ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguística (PROLING/UFPB).janaaires@hotmail.com

³⁵ Professora do Programa de Pós Graduação em Linguística (PROLING/UFPB).lucienne_@hotmail.com

Buscamos apresentar, neste trabalho, uma análise das expressões linguísticas metafóricas encontradas nas crônicas dos livros *Amor Veríssimo* (AV) e *Comédias da Vida Privada* (CVPr) de Luis Fernando Veríssimo, e uma discussão sobre como essas expressões são compreendidas na nossa cultura a partir de modelos mentais. Essas metáforas constituem parte dos resultados obtidos na dissertação intitulada *Metáforas e Metonímias Conceptuais em Crônicas de Luis Fernando Veríssimo* cujo objetivo foi apresentar a análise de expressões linguísticas metonímicas e metafóricas nas crônicas de Veríssimo, bem como verificar de que forma essas expressões linguísticas são compreendidas a partir dos modelos mentais postulados por Van Dijk (2012 [2008]).

O nosso trabalho está dividido em três partes: na primeira, mostramos um breve panorama sobre a teoria da Metáfora Conceptual estabelecida por Lakoff e Johnson (2002[1980], 2003), bem como a teoria dos Modelos Mentais postulada por Van Dijk (2012 [2008]); na segunda, apresentamos a análise e discussão dos resultados da pesquisa, em que, após explicitar a forma metodológica do trabalho (características do *corpus* e os procedimentos analíticos), apresentamos a análise das crônicas, com o levantamento das metáforas conceptuais e discussão sobre como essas expressões linguísticas metafóricas são compreendidas na nossa cultura a partir dos modelos mentais. Por fim, apontamos algumas considerações a respeito dos resultados obtidos com a análise dos dados.

2 Fundamentação teórica

Apresentamos, a seguir, alguns conceitos que fundamentam a teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002[1980], 2003) e a teoria dos Modelos Mentais de Van Dijk (2012 [2008]).

2.1 A metáfora conceptual

A partir da obra *Metaphors we live by*, publicada em 1980, Lakoff e Johnson provocam uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora.

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por esta razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

Diante dessa revelação, o sistema conceptual humano passa a ser visto como fortemente metafórico, isto é, os processos que constituem o pensamento são metaforicamente estruturados e definidos: “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48). Porém esse fato não é algo de que temos plena consciência, pois estamos quase sempre pensando e agindo automaticamente.

Os autores definiram a metáfora como uma maneira de conceptualizar nossas experiências, em que é verificado um mapeamento entre dois domínios (domínio fonte para o domínio alvo). Contudo, apenas uma parte do conceito do domínio fonte é usada para estruturar o conceito do domínio alvo, senão uma coisa seria a outra. Na metáfora AMOR É GUERRA, por exemplo, é possível utilizar alguns aspectos do domínio fonte GUERRA

(lutar, conquistar) para construir o conceito de AMOR. Ou seja, algumas ações relacionadas ao amor são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Quando dizemos “Ele lutou por ela” ou “Apesar do seu grande esforço, o rapaz não conseguiu *conquistá-la*”, sabemos que não há uma batalha física, mas atitudes que correspondem à parte usada do conceito do domínio fonte GUERRA e pertencem à nossa maneira ordinária de falar do AMOR.

De uma forma geral, os conceitos a que se referem as emoções (ex: amor, felicidade, tristeza etc.) são quase totalmente estruturados metaforicamente:

O conceito de AMOR, por exemplo, é fortemente estruturado metaforicamente: AMOR É UMA VIAGEM, AMOR É UM PACIENTE, AMOR É UMA FORÇA FÍSICA, AMOR É LOUCURA, AMOR É GUERRA etc. O conceito de AMOR tem um núcleo que é minimamente estruturado pela subcategorização AMOR É UMA EMOÇÃO e por ligações com outras emoções, por exemplo, gostar. Isso é típico de conceitos de emoção que não são claramente delineados em nossa experiência de forma direta e, portanto, devem ser compreendidos, primeiramente, de forma indireta, via metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 163).

Dessa forma, a linguagem que usamos para falar do amor “não é poética, ornamental, ou retórica; é literal” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48). Falamos (e agimos!) desta ou daquela forma com relação ao **amor** porque o concebemos assim.

Os conceitos metafóricos são estruturados de maneira sistemática, mas, para que a metáfora seja entendida, é necessário que esteja coerente com o contexto social em que é proferida, caso contrário ela poderá ser mal interpretada. Por exemplo, no Brasil e em outros países, encontramos várias manifestações linguísticas da metáfora TEMPO É DINHEIRO, conforme abaixo:

- ✓ Como você gasta seu tempo hoje em dia?
- ✓ Tenho investido muito tempo nela.
- ✓ Você deve calcular bem o seu tempo.
- ✓ Você está desperdiçando meu tempo

Portanto, observamos que o tempo é entendido como algo que pode ser gasto, investido, orçado ou mesmo desperdiçado. Concebemos o tempo assim porque agimos como se o tempo fosse um bem valioso, um recurso limitado como o dinheiro. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 51).

Vale ressaltar também a existência das metáforas TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO derivadas da metáfora TEMPO É DINHEIRO, pois, em nossa sociedade, o dinheiro é um recurso limitado e recursos limitados são bens preciosos. Logo, entendemos o tempo conforme o modo como este é concebido em nossa cultura, que não necessariamente é entendido da mesma forma em todas as outras culturas; ou seja, há lugares onde as pessoas vivem sem se preocupar se estão gastando seu tempo de maneira eficiente, evidenciando que a metáfora é cultural.

For example, time doesn't necessarily have a use and isn't necessarily a resource. Many people in cultures around the world simply live their lives without being concerned about whether they are using their time efficiently. However, other cultures conceptualize time metaphorically as though it were a limited resource. The Time Is Money metaphor imposes on the time domain various as-pects of resources. In doing so, it adds elements to the

time domain, creating a new understanding of time. ³⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 252, 253).

Segundo Kövecses (2010), tanto as expressões linguísticas metafóricas quanto as suas respectivas metáforas conceptuais são altamente convencionais (ou convencionalizadas) no uso de uma comunidade linguística. Isso quer dizer que os falantes daquela comunidade utilizam, diária e naturalmente, algumas expressões linguísticas licenciadas por metáforas conceptuais para falar de conceitos como discussão, amor, teorias, ideias, organizações sociais, vida etc., conforme exemplos abaixo:

DISCUSSÃO É GUERRA: Eu defendi meu argumento.

AMOR É UMA VIAGEM: Amor, temos que seguir nossos caminhos separados.

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES: Precisamos construir uma nova teoria.

IDEIAS SÃO ALIMENTOS: Eu não posso digerir todos esses fatos.

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS: A empresa está crescendo rapidamente.

VIDA É UMA VIAGEM: Apesar de todas as dificuldades, ela está conseguindo seguir sozinha na vida.

Verificamos, portanto, que as metáforas conceptuais e suas expressões linguísticas são formas comuns e naturais de se falar e pensar sobre esses assuntos e, por isso, são bastante convencionalizadas. Elas estão enraizadas no discurso do falante, que, geralmente, não percebe que está utilizando termos de um conceito mais concreto para se referir a outro mais abstrato.

In fact, most speakers would not even notice that they use metaphor when they use the expression defend in connection with arguments, construct in connection with theories, go our separate ways in connection with love, grow in connection with company, digest in connection with ideas, or head start in connection with life. For native speakers of English, these are some of the most ordinary and natural ways to talk about these subject matters. ³⁷ (KÖVECSES, 2010, p.34)

De uma forma geral, a metáfora permite focalizar um determinado aspecto de um conceito, mas esconde outros aspectos desse mesmo conceito. Em AMOR É GUERRA, por exemplo, focalizamos exclusivamente os aspectos bélicos do amor, pois estamos engajados no objetivo de lutar, perseguir, conquistar a pessoa amada, o que nos impede de focalizar outros aspectos desse conceito, como os aspectos referentes ao tempo investido nessa ação. O amante pode ser visto como alguém que está gastando o seu tempo em busca da pessoa amada, em um esforço para conseguir que seu amor seja correspondido. Porém, quando

³⁶ Por exemplo, tempo não necessariamente tem um uso e não é necessariamente um recurso. Muitas pessoas em culturas ao redor do mundo simplesmente vivem suas vidas sem se preocupar se elas estão usando seu tempo de forma eficiente. Contudo, outras culturas conceituam o tempo metaforicamente como se fosse um recurso limitado. A metáfora Tempo É Dinheiro impõe ao domínio tempo muitos aspectos de recursos. Ao fazê-lo, adiciona elementos para o domínio tempo, criando uma nova compreensão do tempo (tradução nossa).

³⁷ De fato, a maioria dos falantes nem mesmo percebe que eles usam metáfora quando usam termos como defender com relação à discussão, construir com relação a teorias, seguir caminhos separados com relação ao amor, crescer com relação à empresa, digerir com relação a ideias, ter um bom começo com relação à vida. Para falantes nativos de inglês, estas são algumas das formas mais comuns e naturais de se falar sobre estes assuntos (tradução nossa).

pensamos nos aspectos bélicos do amor, dificilmente lembramos do tempo utilizado nessa conquista.

A metáfora do canal, documentada por Reddy (1979), é um exemplo de como um conceito metafórico pode encobrir algum aspecto da nossa experiência. Ele observa que o nosso modo de falar sobre a linguagem é estruturado pela seguinte metáfora complexa: IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAÇÃO É ENVIAR. Ou seja, “o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras-recipientes” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 54). Mas, se observarmos as implicações da metáfora do canal, verificamos que ela ressalta apenas o aspecto da comunicação, porém mascara aspectos sobre o contexto ou falante, importantes para o sucesso comunicativo.

Em primeiro lugar, uma das partes da metáfora do canal, isto é, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS, implica que palavras e sentenças tenham significado em si mesmas, independentemente de qualquer contexto ou falante. Um outro aspecto dessa metáfora, ou seja, SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS, implica que significados tenham uma existência independente de pessoas e contextos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 55).

Portanto, a metáfora do canal trata a comunicação como sendo perfeita, sem ruídos, em que o ouvinte pega o significado das palavras proferidas pelo falante e o coloca na sua cabeça. Porém, não podemos pensar que todas as conversas são claras, que todas as situações comunicativas são realizadas com sucesso, pois é necessário levar em consideração a influência exercida pelo contexto comunicativo e a experiência de vida dos participantes para que haja a verdadeira construção do sentido.

O trabalho desenvolvido por Reddy (1979) foi de extrema importância para o estudo da metáfora, à medida que esta passou a ser tratada como um recurso cognitivo, e não mais como um recurso figurativo, que fazia parte das linguagens especiais, como a retórica e a poética.

Posteriormente, Lakoff e Johnson avançam com os estudos de Reddy, revelando que “a metáfora do canal não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 19). Isto é, a metáfora do canal faz parte do nosso sistema conceptual metafórico e não é somente uma linguagem sobre a linguagem. Nesse contexto, os autores evidenciam as metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas metafóricas documentadas por Reddy (1979), conforme exemplos abaixo:

MENTE É UM RECIPIENTE

- Não consigo *tirar* essa música da cabeça.
- Será que vou conseguir *enfiar* essas estatísticas na tua cabeça?

IDEIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

- Quem te *deu* essa ideia?
- Você *encontrará* ideias melhores que essa na biblioteca.

PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES

- O significado é o que *está nas palavras*, bem aí.

- Quando você tiver uma boa ideia, tente *colocá-la* imediatamente *em palavras*.

COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

- Vou tentar *passar* o que tenho na cabeça.
- Eu lhe *dei* essa ideia.

COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

- Não consegui *pegar* o sentido desse texto
- Você pode *ver* ideias coerentes nesse trabalho?

Dessa forma, Reddy tem o seu trabalho merecidamente reconhecido, pois ele foi o primeiro a demonstrar, por meio de rigorosa análise linguística (que resultou na metáfora do canal), que a metáfora não é um desvio da linguagem cotidiana, como era entendida na visão tradicional; muito pelo contrário, a metáfora **faz parte** dessa linguagem e do modo comum de conceptualizar o mundo.

Explicar a maneira como as pessoas compreendem suas experiências exige uma concepção de definição muito diferente da visão tradicional. Uma teoria experiencial de definição utiliza uma noção diferente do que deve ser definido e do que permite definir. Em nossa proposta, os conceitos individuais não são definidos de uma forma isolada, mas, ao contrário, eles são definidos em termos de seus papéis nos tipos naturais de experiências. Os conceitos não são definidos exclusivamente em termos de propriedades inerentes; ao invés disso, eles são definidos basicamente em termos de propriedades interacionais (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 217).

Compreender conceitos como a linguagem, o amor, a discussão, a guerra, entre tantos outros, requer que as pessoas percebam que estes não precisam ser rigidamente definidos em termos de características próprias; ao invés disso, os conceitos precisam ser entendidos a partir das associações com as experiências pessoais, e construídos através da metáfora conceptual.

Outro aspecto importante da teoria da metáfora conceptual é a noção de *mapeamento* que se refere a correspondências metafóricas sistemáticas entre diferentes conceitos. Grady (2007) explica através da metáfora NAÇÕES/ESTADOS SÃO NAVIOS que é comum conceptualizar, através de correspondências metafóricas, nações/estados (ou outro corpo político) como navios, a progressão histórica do estado como o curso do navio, as questões políticas e outras circunstâncias enfrentadas pelo estado como os mares que o navio atravessa, e assim por diante. Dessa forma, o mapeamento sistemático de elementos de um domínio conceptual para outro domínio envolve, além de objetos e propriedades, relações, eventos e cenários que caracterizam aquele domínio.

2.2 Modelos Mentais

Em 1983, Johnson-Laird lançou uma teoria dos modelos mentais com a finalidade de resolver alguns problemas de inferência relativos à compreensão do discurso, caracterizada por sua estreita relação com a teoria dos modelos da Lógica (Semântica Formal). Paralelamente, Van Dijk e Kintsch postularam uma teoria mais geral sobre como as pessoas compreendem o discurso em nível de processamento, nomeando-a de ‘modelos de situações’.

Até aquele momento, as propostas sobre compreensão do discurso abordavam apenas algum tipo de representação mental dos sentidos de um texto.

Os ‘modelos de situação’ são modelos mentais que os usuários da língua constroem cognitivamente a respeito dos eventos ou fatos que são assuntos de um texto, o que vai além da simples representação do sentido do texto (DIJK, 2012 [2008], p. 90). Sendo assim, a coerência de um texto só vem à tona quando os usuários da língua, além de construir modelos mentais dos eventos ou fatos tratados no texto, conseguem relacionar entre si os eventos ou fatos que constituem esses modelos.

Os modelos mentais incorporam necessariamente elementos de ordem pessoal, fazendo com que todas as produções e interpretações sejam únicas. Portanto, a essência pessoal e subjetiva dos modelos mentais explica porque o usuário da língua também expõe suas emoções e opiniões e não se limita a representar os fatos.

Uma das muitas propriedades fundamentais dos modelos mentais é serem pessoalmente únicos e subjetivos. Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’ (DIJK, 2012 [2008], p. 92).

No entanto, a unicidade e a subjetividade dos modelos mentais não implicam que eles sejam totalmente subjetivos e que todo discurso individual seja totalmente original. Isto quer dizer que os modelos mentais também podem ser influenciados por propriedades ‘objetivas’ do discurso, como por exemplo, a organização espacial de uma situação. Logo, devido às circunstâncias e contingências da situação presente, a estrutura abstrata de cada modelo mental (mesmo este sendo único) pode ser definida ‘objetivamente’ pelas percepções ou experiências acumuladas das pessoas.

Os modelos mentais podem também ser significativos ou não, pois aquilo que faz sentido para o falante, pode não fazer sentido para o ouvinte. Ou seja, se falante e ouvinte possuírem modelos mentais diferentes, ainda que estes sejam superpostos, eles podem interpretar de modos diferentes o ‘mesmo’ discurso o que pode ocasionar, em algum momento, um mal-entendido.

Assim, podemos definir os modelos mentais como representações cognitivas de nossas experiências. As interpretações pessoais de tudo aquilo que acontece conosco compõem um conjunto de modelos mentais, que ficam armazenados na nossa memória episódica (DIJK, 2012 [2008], p. 94).

Porém, muitas experiências pessoais comuns, como comer uma macarronada no almoço ou assistir à notícia sobre um bebê abandonado em uma lixeira, são facilmente esquecidas, pois não estão conectadas significativamente a outras experiências, tornando difícil a recuperação dessas experiências na memória episódica. Já o conhecimento pessoal de uso frequente, como ter que chegar ao trabalho às 08h, ou aquele que é compartilhado socialmente, são mais facilmente recuperados. Ainda assim, os modelos mentais (sejam eles ‘antigos’ ou ‘atuais’) fazem parte das ações de antecipação, planejamento e compreensão dos acontecimentos e discursos.

Há uma relação direta entre os modelos mentais pessoais e o conhecimento social geral, pois o conhecimento compartilhado socioculturalmente é sempre ativado durante a construção ou atualização do modelo mental sobre um acontecimento. Por exemplo, quando estamos lendo uma notícia sobre a epidemia do Ebola, é necessário um uso extenso do

conhecimento geral sobre vírus, contágio, pacientes e alguns outros aspectos da doença para que o processo de construção ou atualização desse modelo mental seja bem sucedido.

Vale ressaltar que grande parte do aprendizado diário baseia-se em experiências pessoais. Portanto, o nosso conhecimento geral pode ser derivado de modelos mentais (que representam as experiências), por exemplo, por abstração, generalização e contextualização, conforme explica Van Dijk (2012 [2008], p.98):

Se lemos regularmente nos jornais matérias sobre ataques terroristas ou guerras, pouco a pouco aprendemos sobre tais ataques ou sobre guerras em geral. Embora no ensino formal, e também através do discurso dos nossos pais, possamos também aprender muitas coisas abstratas ou gerais de maneira direta (tipicamente em textos e falas de caráter expositivo), em geral, o aprendizado a partir de experiências pessoais acontece por generalização e abstração a partir de modelos mentais.

Dessa forma, observamos que as nossas experiências pessoais compõem um conjunto de modelos mentais que fazem parte da nossa memória. “Termos consciência de nós mesmos, do que estamos fazendo, observando ou vivenciando significa – entre outras coisas – que estamos construindo e atualizando modelos mentais que interpretam, representam e guardam tais experiências.” (DIJK, 2012 [2008], p. 102).

A partir do entendimento de que a metáfora conceptual é uma operação cognitiva e que a cognição é uma das propriedades que opera na interface entre a sociedade e as realizações discursivas, os modelos mentais aparecem como representações cognitivas de nossas experiências. Portanto, utilizaremos em nossa pesquisa a noção de modelos mentais proposta por Van Dijk (2012 [2008]), para entender como acontece a compreensão, do ponto de vista textual, das expressões linguísticas metafóricas do texto.

3 Análise dos dados

O *corpus* da nossa pesquisa é constituído de 08 crônicas encontradas nos livros *Amor Veríssimo* (AV) e *Comédias da Vida Privada* (CVPr) de Luis Fernando Veríssimo, nas quais foram encontradas metáforas recorrentes para categorizar o conceito de AMOR.

Para verificar o objetivo estabelecido, apresentamos em três etapas a análise das crônicas das obras selecionadas: a primeira etapa se refere à identificação das expressões metafóricas existentes nos textos, utilizando o método de leitura proposto por Sardinha (2007); a segunda etapa diz respeito ao levantamento das metáforas subjacentes a essas expressões; a terceira etapa se refere a uma análise das metáforas mais recorrentes à luz da Teoria dos Modelos Mentais, verificando quais são as possibilidades de inferência na compreensão dessas expressões linguísticas metafóricas a partir dos modelos mentais.

No que se refere aos procedimentos utilizados, salientamos que este estudo tem um caráter teórico, analítico e qualitativo.

Analisaremos inicialmente a metáfora mais recorrente em nosso *corpus*, AMOR É GUERRA, e suas respectivas expressões linguísticas:

1. Acho que o que houve entre nós dois foi profundo demais para ser **destruído**. (CVPr; Crônica *Posto 5*)
2. Nos conhecemos. No sentido bíblico, inclusive. Foi o amor da minha vida. Quase me **matei** por ela. Sou capaz de **morrer** agora. Ah, vida, vida. (CVPr; Crônica *Trinta Anos*)

3. Está pensando o quê? Mulher nenhuma vai me **dominar**. (CVPr; Crônica O Maridinho e a Mulherzinha)

A partir dessas expressões metafóricas observamos que um conceito é estruturado em termos de outro. Ou seja, o conceito de guerra (domínio fonte) é utilizado para falar de amor (domínio alvo), pois as expressões em destaque (*destruir, matar, morrer, dominar*) pertencem ao campo semântico da guerra.

Nesse contexto, descrevemos abaixo o mapeamento de AMOR É GUERRA, a fim de explicar como ocorrem as respectivas correspondências metafóricas:

- ✓ O sentimento amor é uma guerra
- ✓ Os amantes são combatentes de guerra
- ✓ As atitudes dos amantes são as armas utilizadas
- ✓ As estratégias dos amantes são as estratégias de guerra

Ou seja, o amor é compreendido como sendo uma guerra em que os amantes são os combatentes em guerra, as armas utilizadas são as atitudes que eles tomam para, por exemplo, conquistar ou dominar a pessoa amada, as estratégias nessa conquista ou domínio são as estratégias de guerra etc.

Verificamos, assim, que as expressões linguísticas que atualizam essa metáfora remetem a modelos mentais negativos, como a questão da morte, destruição e domínio. Portanto, falar em amor como se fosse uma guerra faz parte do contexto dessas crônicas e isto só é possível porque estamos inseridos num modelo sociocognitivo específico: inferimos que uma relação amorosa pode assumir aspectos da estrutura de uma guerra à medida que um dos amantes pode ver o outro como um adversário, atacando ou dominando a pessoa amada, o amor pode ser destruído ou arruinado, é possível morrer por amor etc. Conforme colocado por Van Dijk (2012), o modelo mental que a maioria das pessoas possui sobre a guerra é, em grande parte, construído através das notícias que lemos ou ouvimos sobre o assunto que nos leva a aprender pouco a pouco sobre guerras em geral.

Passaremos a análise da segunda metáfora mais recorrente nas crônicas analisadas, AMOR É LOUCURA, e suas respectivas expressões linguísticas:

1. Mas isso é uma **loucura**! Eu, namorando um garoto? (CVPr; Crônica *A Fidelidade*)
2. Pensou em dizer que também estava **desorientado** (o amor, o amor) e levá-la para o seu quarto, para a sua cama. (AV; Crônica *A mulher do vizinho*)
3. Resistira ao André se fazendo de **louco** apaixonado. (AV; Crônica *Estranhando o André*)

Observamos mais um exemplo no qual o amor tem seu sentido metaforicamente construído; o conceito de loucura (domínio fonte) é utilizado para falar de amor (domínio alvo). Por deixar os amantes loucos e desorientados, aproximamos o conceito de amor ao de algo que deixa as pessoas fora de si, como num estado de loucura.

Quanto ao mapeamento da metáfora AMOR É LOUCURA, percebemos que este acontece da seguinte forma:

- ✓ O sentimento amor é uma loucura
- ✓ Os amantes são indivíduos enlouquecidos
- ✓ As atitudes dos amantes são atitudes de pessoas que estão num estado de loucura

Portanto, o amor é entendido como sendo uma loucura em que os amantes são vistos como indivíduos enlouquecidos, as atitudes que eles tomam por amor são atitudes de pessoas que estão num estado de loucura etc.

Observamos, nesse caso, a necessidade de atualizar modelos mentais que se referem a atos ou estados de loucura, como a imagem de alguém desorientado ou fora de si, para que seja possível a compreensão do conceito de amor como uma forma de loucura. No entanto, não se faz necessário que tenhamos vivido a loucura para que façamos a inferência de que uma pessoa que ama demais pode ter um comportamento que corresponde ao de uma pessoa louca. Como vimos anteriormente, uma grande parte do nosso conhecimento geral é derivada de modelos mentais, que representam as nossas experiências pessoais (particulares ou não), possibilitando a compreensão do sentido das crônicas que revelam relações amorosas explicadas através de expressões correspondentes a atos ou estado de loucura.

Por fim, analisaremos a metáfora AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, e suas respectivas expressões linguísticas, também encontradas em nosso *corpus*:

1. Eu não acredito Lurdes. Você vai **desmanchar** nosso casamento por isso? Por uma convenção? (CVPr; Crônica *Convenções*)
2. Mas o amor **acaba** e fica a baboseira. (AV; Crônica *Baboseiras*)
3. Nosso amor **acabou**, doutor. (AV; Crônica *Baboseiras*)

Nesse caso, o amor (domínio alvo) é entendido em termos de substância (domínio fonte), pois recorremos a expressões utilizadas do conceito de substância, como *acabar* e *desmanchar*, para falar de amor, como sendo algo que pode chegar ao fim do seu conteúdo, como qualquer substância.

Em relação ao mapeamento metafórico de AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, observamos que ele acontece conforme abaixo:

- ✓ O sentimento amor é uma substância
- ✓ O sentimento amor, sendo uma substância, pode ter o seu volume aumentado ou reduzido, chegar ao fim, ou mesmo se desmanchar.

Logo, conceber o amor como uma substância nos permite indentificar um aspecto particular dele, como o fato de poder aumentar ou diminuir (em volume), chegar ao fim, ou se desmanchar, sendo possível lidarmos racionalmente com essa experiência.

Verificamos, assim, a necessidade de recuperar, em nossa memória episódica, o conhecimento sobre propriedades de substâncias diversas para entender o amor como uma substância. Isto é, a partir do nosso modelo mental sobre substâncias, construído através da experiência física com os mais variados tipos de substâncias que nos rodeiam (exemplos: a água dentro de um copo, o gás contido no botijão de cozinha, a massa de ingredientes utilizada para fazer um bolo etc.), podemos inferir que o amor pode assumir aspectos de substâncias, como nos exemplos retirados das crônicas “nosso amor *acabou*, doutor” ou “você vai *desmanchar* nosso casamento por isso? Por uma convenção?”.

Através dessa análise, observamos que, durante a interpretação das expressões linguísticas metafóricas que constituem o *corpus* do nosso trabalho, precisamos fazer inferências que remetem a determinados modelos mentais (definido como representações cognitivas das experiências pessoais) para que haja a construção do sentido das crônicas. Em paralelo, o conhecimento compartilhado socioculturalmente³⁸ também desempenha um papel importante nesse processo, pois ele é sempre recuperado durante a construção ou atualização

³⁸ O conhecimento compartilhado socioculturalmente é o conhecimento geral, social, que temos, por exemplo, sobre armas, soldados e vítimas, quando estamos lendo sobre a guerra

do modelo mental responsável pela compreensão das expressões linguísticas metafóricas que fazem parte das crônicas. Assim, o conceito de modelo mental trazido por Van Dijk mostrou-se necessário e eficaz, à medida que o texto não pode ser visto apenas como um artefato linguístico, cujo sentido está explícito, mas antes é preciso relacioná-lo a um contexto sociocognitivo que contemple as experiências dos participantes (escritor e leitor) envolvidos.

4 Conclusão

As crônicas do escritor Luis Fernando Veríssimo apresentam uma visão descontraída dos fatos do cotidiano que revelam uma análise séria e inteligente dos temas abordados. Segundo Kozen (2002), o sucesso do escritor se deve à capacidade de captar cenas, muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e geralmente risíveis, além de levar o leitor a uma reflexão crítica sobre os fatos que o cercam na sociedade em que ele está inserido. “Suas crônicas abordam temas que envolvem toda a sociedade de uma época, como as disparidades sociais, os dramas do cotidiano e, até mesmo, a forma como se organiza” (Camargo, 2007).

Observamos, através desse trabalho, que o uso de expressões linguísticas metafóricas é um recurso utilizado com frequência por Veríssimo em suas crônicas. Identificamos no nosso *corpus* o predomínio das metáforas AMOR É GUERRA, AMOR É LOUCURA e AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, atualizada por expressões linguísticas como “Acho que o que houve entre nós dois foi profundo demais para ser **destruído**.”, “Mas isso é uma **loucura**! Eu, namorando um garoto?”, “Eu não acredito Lurdes. Você vai **desmanchar** nosso casamento por isso? Por uma convenção?”. A presença dessas metáforas nas crônicas indica que o amor pode ser entendido em termos de guerra, loucura e substância, pois, conforme os exemplos citados, o amor pode ser destruído, pode levar à loucura, ou pode mesmo se desmanchar como uma substância. Contudo, as atualizações das metáforas conceptuais dependerão do contexto em que elas forem proferidas.

Nessas ocorrências de metáforas, verificamos que um mesmo domínio alvo (amor) foi explicado através de três domínios fontes (guerra, loucura e substância), ou seja, recorremos aos conceitos de guerra, loucura e substância, mais concretamente definidos em nossas mentes, para falar de amor, corroborando com a tese de Lakoff e Johnson (1980) de que alguns conceitos são fortemente estruturados metaforicamente, como é o caso do conceito de AMOR.

Verificamos, por fim, que os conceitos são, em grande parte, definidos culturalmente. A partir das experiências que vivenciamos dentro de uma determinada cultura, vamos construindo ou atualizando um complexo modelo mental de cada (complexo) acontecimento. O conceito mais popular de amor, por exemplo, envolve a formação de um vínculo emocional com alguém através de um sentimento puro, ideal e alheio a interesses, mas nem todas as pessoas compreendem o amor dessa forma. Para alguns, o amor pode ser entendido como uma guerra, uma loucura ou mesmo uma substância, conforme observamos neste trabalho.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luiz Rogério. **Luis Fernando Veríssimo: a verdade por detrás do riso: o humor como instrumento de crítica social**. Disponível em: <http://www.docdatabase.net/more-luis-fernando-verissimo-a-verdade-por-detr193s-do-riso-o-humor-como-81440.html>

Acesso em 15/12/2015.

- KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002
- KÖVECSSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford: OUP, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo : EDUC, 2002.
- REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) (1979) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324.
- SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- VAN DIJK, T.A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva (Tradução de Rodolfo Ilari). São Paulo: Contexto, 2002.
- VERISSIMO, L. F. **Amor Veríssimo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- VERISSIMO, L. F. **Comédias da Vida Privada**: 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 1996.

Submetido em 19/02/16

Aceito em 27/04/16